



**AUTORA: MARIA APARECIDA DO NASCIMENTO**  
**ORIENTADOR: EMERSON RIBEIRO**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA: EXPERIÊNCIA COM  
INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL I EM UMA ESCOLA DO/NO CAMPO**

**CRATO - 2021**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA  
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB 3/1000

Nascimento, Maria Aparecida do.  
N244e Sequência didática: experiência com instalações geográficas no Ensino Fundamental I em uma escola do/ no campo/ Maria Aparecida do Nascimento. – Crato-CE, 2021.

36p.

Produto educacional vinculado a dissertação.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Ribeiro

1. Educação do/no campo, 2. Território, 3. Proposta didática, 4. Instalações geográficas, 5. Resistência; I. Título.

CDD: 370.19346

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**Produto educacional vinculado a dissertação**

Copyright © 2021

Todos os direitos reservados

**PESQUISADORES**

Maria Aparecida do Nascimento

Emerson Ribeiro

**DIAGRAMAÇÃO**

Maria Isabel de Souza Santos

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	<b>6</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS COM INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS</b>	<b>7</b>
<b>3.1. Ação Pedagógica I: Instigando a criatividade a partir da recriação do brinquedo por meio da contação de história</b>	<b>10</b>
<b>3.2. Ação pedagógica II. Estudo do poema “O lugar onde moro”</b>	<b>13</b>
<b>3.3. Ação pedagógica III. Socialização das produções escritas sobre o lugar onde mora</b>	<b>15</b>
<b>3.4 Ação Pedagógica IV. Compartilhando novas descobertas sobre o lugar onde mora</b>	<b>16</b>
<b>3.5. Ação pedagógica V. Pensando elementos para representar a memória do lugar onde mora</b>	<b>18</b>
<b>3.6. Ação Pedagógica VI. Socialização das pesquisas com Instalações</b>	<b>19</b>
<b>4. CONTEXTUALIZANDO PROCESSOS FORMATIVOS DE RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE POR MEIO DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS</b>	<b>20</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente produto educacional está vinculado à Linha de Pesquisa “Formação de Professores, Currículo e Ensino, do Mestrado Profissional em Educação (MPDU), da Universidade Regional do Cariri – URCA, o qual é caracterizado como uma sequência didática elaborada com o objetivo “Incentivar experiências que permitam a construção de práticas pedagógicas inovadoras”.

Trata-se de uma proposta didática pautada na criatividade, para ser desenvolvida no ensino fundamental I. Os pressupostos da referida proposta são propostos por Ribeiro (2014), a qual defende a necessidade de romper com padrões preestabelecidos e possibilitar as expressões das ideias por meio da arte, favorecendo assim um potencial criativo.

Diante da tendência hegemônica de mecanização dos conteúdos, apoiamo-nos nos contributos de Fayga (2010) e Torre (2005), destacando a criatividade como algo inerente ao ser humano, para representar o real a fim de transformá-lo. Nesse sentido, algumas questões nortearam a elaboração dessa sequência didática: Que estratégia metodológica pode contribuir o desenvolvimento da aprendizagem e criatividade de aluno(a)s do ensino fundamental I? Como promover uma aprendizagem significativa, tendo como pressuposto a arte como objetivação da capacidade humana? É possível o trabalho pedagógico com Instalações Geográfica com crianças do Ensino Fundamental I?

Em resposta a essas indagações, propusemo-nos a realizar uma sequência didática envolvendo conteúdos no campo da Geografia, envolvendo o contexto em que os alunos e alunas estão inserido(a)s. Assim, para melhor situar os leitores, faremos uma breve explanação sobre sequência didática. Em seguida, explicitamos os procedimentos metodológicos para o trabalho com Instalações Geográficas e, por fim, trazemos um exemplo de uma sequência

didática realizada com cinco aluno(a)s do 3º ano do ensino Fundamental.



## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Podemos afirmar que sequências didáticas são formas pelas quais organizamos o trabalho pedagógico, a fim de atendermos diferentes objetivos. Para Lima, Leal e Mesquita (2012, p. 26) “Não há uma definição única do que seja uma sequência didática, mas, como o próprio nome já anuncia, tem como principal característica a sequencialidade, pois uma atividade está articulada com a outra”.

De modo geral, o uso da sequência didática tem a finalidade de contribuir para uma melhor compreensão possível por parte dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados. Nesse movimento, tanto os conhecimentos almejados como os modos de lidar com a busca desses conhecimentos, são de fundamental importância.

Outro aspecto importante a ser considerado na sequência didática é que, ao elaborar essa proposta, faz-se necessário considerar o que os alunos sabem ou não sobre o assunto a ser trabalhado. Nesse sentido, a sequência didática aqui apresentada, é resultado de uma experiência vivenciada com cinco aluno(a)s do 3º ano do ensino fundamental da E.E.I.E.F Professora Rosa Ferreira de Macêdo, em Crato, na região do Cariri cearense. Destacamos que a referida sequência foi realizada com a metodologia das Instalações Geográficas. Assim, consideramos necessário discorrer um pouco sobre essa metodologia e sua proposta metodológica.



### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS COM INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Para iniciarmos as elaborações sobre instalação geográfica, consideramos necessário definir o termo “instalação”. Em seguida, discorreremos sobre a “instalação” proposta nesse trabalho.

De acordo com o dicionário online de Língua Portuguesa, significa ação de instalar, se estabelecer algo ou alguém em determinado lugar.

Colocação de algo no seu devido lugar, especialmente falando de aparelhos elétricos: instalação de um aparelho, uma rede elétrica, telefônica etc. Conjunto desses aparelhos, dessas redes: consertar a instalação elétrica. Ato de instalar algo (água, eletricidade, gás, sistema de segurança etc.) numa casa: instalação hidráulica, elétrica. [Artes] Peça de arte composta por objetos que se dispõem tridimensionalmente, compondo uma unidade de interação com quem a observa.

Por sua vez, a metodologia da instalação geográfica, idealizada por Ribeiro (2014), propõe a materialização do conteúdo estudado, possibilitando, além da ampliação de visão de mundo, a possibilidade de expressar ideias por meio da arte. Os passos para a realização da referida proposta se dão da seguinte forma: Aplicação do conteúdo, pesquisa, idealização de signos e símbolos, produção de texto para discussão na teia de ideias, montagem da instalação (exposição), relato escrito da experiência vivenciada (produção de texto).

Assim, para trabalhar os conteúdos, pode-se recorrer a diversos recursos a fim de facilitar a compreensão por parte dos alunos. Após tais procedimentos, (ao concluir) o estudo proposto, para o feedback dos alunos, é sugerida a representação do conteúdo estudado com elementos do cotidiano, os quais podem ser produzidos ou não pelo ser humano. Tais elementos devem ser expostos em uma base que deve ser pensada pelo grupo.

Importante destacar que a pesquisa é parte fundamental durante o processo, pois a fundamentação teórica dará suporte para a elaboração

do texto e que detalhará os símbolos e signos da instalação. Já no que diz respeito a “teia de ideias”, consiste na socialização dos textos, bem como dos elementos pensados para compor a instalação. Nesse momento há a colaboração da equipe para possíveis ajustes de ideias.

Durante todo o processo, o(a) docente observa as elaborações e busca mediar intervindo em possíveis dificuldades, visando o bom desempenho de todos envolvidos no processo. Destacamos que a arte e a criatividade são norteadoras da referida metodologia. Para Saccomani (2016, p. 100) “A obra de arte é uma forma de reflexo da realidade mais elevada que o pensamento cotidiano e não mantém com a cotidianidade apenas uma relação de gênese, mas também de ação recíproca”.

Nessa direção, a metodologia da Instalação Geográfica busca, por meio do diálogo com a teoria, materializar a mensagem obtida nesse movimento, de modo que o nível de conectividade entre o abstrato e o concreto é refletido por meio da obra. O quadro abaixo consta o cronograma da sequência de atividades realizada.

Quadro representativo da sequência didática realizada com os alunos

<b>O bairro onde moro</b>	
11/11/2020	Instigando a criatividade a partir da recriação do brinquedo por meio da contação de história
20/11/2020	Estudo do poema: “O lugar onde moro” (Maria Sara Andrade Nunes)
27/11/2020	Socialização das produções escrita dos alunos sobre o lugar onde moram.
04/12/2020	Compartilhando novas descobertas sobre o lugar onde moram
11/12/2020	Pensando elementos para representar a memória trazida sobre o lugar onde mora
18/12/2020	Socialização das pesquisas através de Instalações Geográficas.

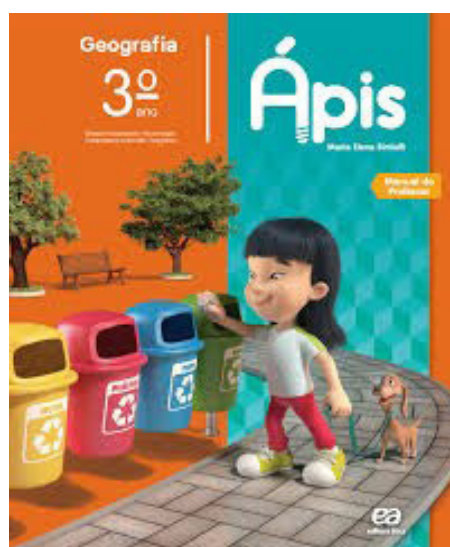
Fonte: elaborado pela autora (2021).

Conforme dito anteriormente, propomo-nos a realizar a presente investigação a partir do conteúdo proposto no livro didático de Geografia, que foi trabalhado com toda a turma. Como metodologia, optamos pela metodologia das Instalações Geográficas. No entanto, por conta das limitações ocasionadas pela Pandemia do COVID19, decidimos por desenvolver a pesquisa apenas com 05 (cinco) aluno(a)s. A escolha se deu pela disponibilidade desses e dos familiares, para a realização dos encontros online, que ficou definido um encontro por semana.

Com base no conteúdo proposto no livro didático, buscamos ir além do sugerido. Assim, buscamos outros recursos para aprofundar o tema proposto e a partir de então realizar a sequência didática de forma virtual. Então, buscando seguir a proposta dos recursos metodológicos para a realização da Instalação Geográfica, associada a uma sequência didática, elaboramos o planejamento conforme apresentado no quadro acima e os passos serão detalhados em seguida.

Antes de fazermos o detalhamento dos encontros, consideramos pertinente ilustrar o livro adotado pelo município para o 3º ano do Ensino Fundamental, contendo o tema de cada unidade e capítulo:

Imagem 1: Livro didático adotado na rede municipal de ensino de Crato-CE, contendo os respectivos capítulos:



### CAPÍTULOS:


- Geografia - Unidade - 2 - Representações cartográficas
- Geografia - Unidade - 4 - O trabalho cria paisagens
- Geografia - Unidade - 3 - Explorar paisagens
- Geografia - Unidade 4 - Capítulo 8 - Ambiente e qualidade de vida
- Geografia - Unidade 2 - Capítulo 4 - Representar lugares
- Geografia - Unidade 4 - Capítulo 7 - Transformações nas paisagens
- Geografia - Unidade 3 - Capítulo 6 - As paisagens são diferentes
- Geografia - Unidade 1 - Capítulo 1 - Os lugares da cidade
- Geografia - Unidade 1 - A cidade e o campo
- Geografia - Unidade 1 - Capítulo 2 - A vida longe da cidade
- Geografia - Unidade 2 - Capítulo 3 - O bairro onde eu moro
- Geografia - Unidade 3 - Capítulo 5 - Descobrir paisagens

O trabalho aqui referido teve como parâmetro a Unidade 2 – Capítulo 3. Nesse sentido, o planejamento das etapas foi realizado considerando as etapas propostas na utilização da metodologia da Instalação Geográfica. Assim, algo que não poderíamos perder de vista era a faixa etária dos alunos (8 e 9 anos). Foi com esse cuidado que introduzimos a proposta didática com a contação de história conforme foi detalhado anteriormente.

Destacamos que para o trabalho com sequência didática é necessário considerar o que os alunos sabem com relação aos conteúdos a serem trabalhados, assim, como sabíamos que as crianças com as quais iríamos trabalhar não conheciam essa metodologia, resolvemos fazer uma prévia, utilizando-se da contação de história. As etapas desenvolvidas, no processo de construção, foram denominadas de Ações Pedagógicas.

### **3.1. Ação Pedagógica I: Instigando a criatividade a partir da recriação do brinquedo por meio da contação de história**

Sabemos que a imaginação é algo presente nas brincadeiras e, segundo



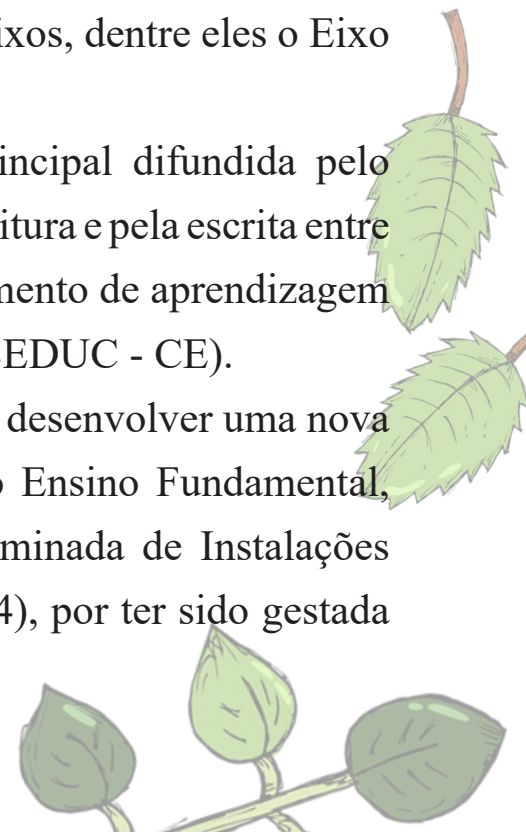
Saccomanni (2016, p. 82), “É o pontapé inicial para a formação da função psíquica”. Partindo dessa premissa, buscamos desenvolver uma atividade visando explorar o potencial criativo das crianças, a partir de algo que tivesse relação com o brincar. Tal atividade foi pensada como uma forma de introduzir uma proposta metodológica que consideramos ousada para o trabalho pedagógico com crianças pequenas e que indica ser uma estratégia lúdica de instigar o pensamento crítico a respeito de determinados conhecimentos.

Assim, buscando aproximar o máximo possível a referida proposta ao mundo infantil, e visando uma perspectiva interdisciplinar, nos apoiamos num momento didático de incentivo à leitura pelo Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, denominado “Eixo do leitor”. Consideramos importante discorrermos um pouco sobre tal programa antes de nos voltarmos para o relato do trabalho desenvolvido com as crianças.

O Programa Alfabetização na Idade Certa - PAIC foi transformado em política pública prioritária do Governo do Estado em 2007. Visa oferecer aos municípios formação continuada aos professores, apoio à gestão escolar, entre outros aspectos. Iniciou suas atividades com a meta de garantir a alfabetização dos alunos matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública cearense e posteriormente se estendeu até o 9º ano. O programa propõe intervenção, que é realizada através de seis eixos, dentre eles o Eixo de Literatura e Formação do leitor.

Conhecido como Eixo do leitor, a ideia principal difundida pelo programa é a de “despertar o interesse e o gosto pela leitura e pela escrita entre nossas crianças, como um prazer infinito, um instrumento de aprendizagem e como um alimento para o crescimento humano” (SEDUC - CE).

Assim, nos apropriamos do referido eixo para desenvolver uma nova metodologia de trabalho numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental, na qual lecionamos. Metodologia essa que é denominada de Instalações Geográficas, idealizada pelo professor Ribeiro (2014), por ter sido gestada



no campo da geografia. Atualmente consideramos que tomou uma dimensão mais ampla, pois podemos trabalhar envolvendo as demais áreas do conhecimento.

Nesse sentido, pensando na perspectiva da ludicidade e afetividade, que envolvem a proposta nos anos iniciais, nos remetemos ao livro de literatura infantil, intitulado “O que isso seria se assim não fosse?”<sup>1</sup>, autoria de Mano Kleber e, através da contação de história do livro, fazer um ensaio com os alunos, no processo de elaboração do referido trabalho.

O livro trata de uma história de um menino que gostava muito de inventar. Nessas invenções, criou uma brincadeira em que as pessoas que se propusessem a participar iriam pensar uma outra funcionalidade para algum objeto. Assim, nada serviria para o que tivesse sido criado. Poderia participar pessoas de qualquer idade, e o único requisito necessário seria um pouco de criatividade.

Objetos como copo, livro, bexiga, dentre outros, eram trazidos para o momento da brincadeira. Assim, o copo serviria como um instrumento para tocar, o livro para se abanar nos dias de calor, a bexiga para enfeites de todas as cores e assim por diante. A partir da ideia trazida no texto, sugerimos que cada criança escolhesse um de seus brinquedos e apresentasse em um outro formato criado por eles, sendo que, ao olharmos pudéssemos perceber a relação de um com o outro. Ou seja, eles fariam a releitura de um de seus brinquedos.

Tendo em vista que a proposta é a “materialização do conhecimento”, pensamos nessa atividade prévia para poder perceber até que ponto as crianças tinham percebido o propósito da atividade. Foi então que realizamos a contação de história, seguida do desafio lançado para as crianças repensarem um de seus brinquedos. A imagem abaixo mostra o momento da contação, que aconteceu de forma virtual.

---

1 Livro infantil, escrito por Mano Kleber e ilustrado por Henrique Jorge

Imagem 2: Momento de contação de história



Fonte: arquivo da autora. (2021)

Contudo, sugerimos que nos apresentassem as recriações posteriormente, e assim fizeram. Dentre os objetos apresentados, surgiram pedaços de cerâmica, representando um celular de brinquedo, laranja representando uma bola, cabo de vassoura representando cavalo, rolo de papel higiênico simbolizando carrinho, etc.

Após o momento e a apresentação das crianças pudemos perceber que a nossa proposta seria viável com o(a)s participantes da pesquisa, considerando a facilidade com que lidaram com a recriação do brinquedo. Nessa direção, apresentaremos de forma breve as ações seguintes.

### **3.2. Ação pedagógica II. Estudo do poema “O lugar onde moro”**

Iniciamos nosso encontro explicando para as crianças que, como participantes de nossa investigação, elas iriam fazer algumas atividades de ampliação do que já vínhamos fazendo com toda a turma na disciplina de Geografia. Falamos da grande importância da contribuição e disponibilidade de cada um e cada uma, que se mostraram bastante entusiasmado(a)s em participar. Com o intuito de motivá-los a pensar, bem como de falar sobre o lugar onde vivem, trouxemos para o primeiro momento o seguinte poema:

## O lugar onde moro

Conto agora para vocês  
A história do meu lugar  
Ela é muito interessante  
Não deixe de escutar.

Em um dia muito bonito  
Retirantes se instalaram  
À beira de uma lagoa  
Onde se aconchegaram.

Depois de alguns dias  
Sair dali o grupo resolveu  
Mas partiram muito tristes  
Pois um deles faleceu.

O lugar que ele morreu  
Com uma cruz foi marcado  
E o nome desse lugar  
Assim foi originado.

Lagoa da Cruz é o nome  
Que os retirantes deixaram  
Por causa daquele amigo  
Que muito tristes sepultaram

De geração em geração  
O meu lugar foi crescendo  
As famílias de uma em uma  
Foram se estabelecendo.

Aqui no meu lugar

Todo mundo se conhece  
Por ser um lugar pequeno  
O respeito acontece.

O povo daquela época  
Sempre foi trabalhador  
Fazia corda e tijolo  
Puxava agave em motor.

Era um povo corajoso  
Seu trabalho era pesado  
Trabalhavam todos os dias  
Até mesmo no roçado.

Trabalhar era o lema  
Desse povo corajoso  
Que amava a família  
E não era ambicioso.  
(...)  
Mas, por último, ainda falo  
Com muita autenticidade  
Que no lugar onde moro  
Eu sou feliz de verdade.

Autora: Maria Sara Andrade Nunes  
Professora: Kássia Shizane Carlos  
Ferreira  
Escola: E. M. Manoel Joaquim de  
Santana • Cidade: Quixaba – PE  
2014

Após a leitura do poema, fomos dialogando, solicitando as crianças que falassem sobre o que entenderam do poema e em seguida fizemos alguns questionamentos, tais como: Vocês gostaram desse poema? O que te chamou a atenção nesse poema? Quanto ao lugar que vocês moram, é na zona urbana



ou rural? Faz tempo que vocês moram nesse lugar? Se você fosse convidar alguém para vir conhecer o seu lugar, o que você iria fazer questão de falar para que essa pessoa sentisse vontade de vir conhecer o lugar onde você mora?

À medida que íamos indagando, as crianças prontamente respondiam, sendo que em algum momento precisávamos sugerir uma ordem de fala para que pudéssemos ouvir a todo(a)s. O nosso objetivo era favorecer os alunos a refletir sobre o seu lugar.

Assim, com relação ao poema, as crianças destacaram algo que chamou a atenção, sendo que quase todas as crianças falaram que o que os chamou a atenção foi o porquê do nome da localidade. No entanto, quando indagado(a)s ao que pudesse convencer uma pessoa a vir conhecer a localidade, tiveram dificuldade em pontuar. Portanto, como encaminhamento para o próximo encontro, pedimos que escrevessem um texto falando sobre o lugar onde moram destacando o que tinha de legal nesse lugar.

### **3.3. Ação pedagógica III. Socialização das produções escritas sobre o lugar onde mora**

Para o terceiro encontro, trouxemos a música “Vilarejo” de Marisa Monte. Para Penna (1990, p. 107), “A música é um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois o aluno aprende a ouvir de maneira ativa e refletida”. Assim, a música foi um recurso que utilizamos para o exercício da sensibilidade, bem como de contribuir para o envolvimento das crianças.

Baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. (OSTROWER, 2010, p. 12)

Nesse sentido, após ouvirmos a música, facultamos a fala para que as crianças pudessem expressar suas impressões sobre a referida música. Algo

que nos chamou a atenção nesse momento foi a liderança exercida por uma das crianças participantes, coordenando o momento de fala das demais. Para que cada uma delas pudesse ser ouvida sem interferência, ela solicitava aos demais para manterem os fones desligados. Ela dizia que era assim que ocorria no curso que a mãe dela estava fazendo.

Assim, combinamos que a ordem de apresentação seria pela ordem alfabética. Todas elas concordaram e assim mantiveram o acordo, e todas elas tiveram o seu momento de fala. Nas falas, destacaram que se tratava de um lugar bonito, onde as pessoas viviam felizes, e uma delas destacou que “É um lugar de fartura”. Na sequência, pedimos para lerem as produções que tinham elaborado sobre o lugar onde moram.

Nas leituras realizadas, as crianças destacaram alguns aspectos da localidade, como pontos de lazer e outros aspectos que consideravam importantes, tendo sido comum a fala sobre a escola como algo muito importante para a comunidade.

Após a leitura de cada uma delas, expliquei que iríamos ampliar a atividade trazendo também a percepção de alguém da família deles, sobre algo ou alguém que consideravam importante na história da comunidade e que deveria permanecer viva na memória daquele lugar. Orientamos que poderiam contar com ajuda para anotações do que considerassem informações importantes a respeito da pesquisa e assim encerramos o encontro.

### **3.4 Ação Pedagógica IV. Compartilhando novas descobertas sobre o lugar onde mora**

A dinâmica do quarto encontro foi seguindo a mesma organização do anterior, em que cada participante apresentava de acordo com a ordem alfabética. Foi um momento muito rico, em que cada criança socializou com entusiasmo o que tinha aprendido sobre cada pesquisa. As informações inerentes a cada uma delas, traremos no tópico seguinte, quando apresentaremos as instalações.

O objetivo era identificar, através das informações trazidas pelas crianças, aspectos constituintes da história e que caracterizam especificidades do lugar. Ao passo que cada criança ia fazendo a leitura da pesquisa, podíamos perceber uma diversidade de questões que estavam presentes naquelas produções que apontavam para os aspectos sociais da localidade.

Após a socialização, fomos destacando os elementos ou personagens citados por cada participante e ao final indagamos: “E se tivéssemos que apresentar cada personagem ou elementos trazidos por vocês de uma forma diferente da original?”.

Nesse momento retomamos o que vivenciamos a partir da história “O que isso seria se assim não fosse” e as crianças relembrou a história e a atividade sugerida. Foi então que combinamos pensar em grupo, o que seria a base para dispor a obra de cada um. O momento foi de grande euforia e surgiram várias ideias, porém consideradas inviáveis para a proposta, e assim indagávamos para repensar o objeto, até que chegamos a um consenso, a base seria uma “capemba”.

De acordo com Silveira (2017, p. 63), o termo capemba significa o “invólucro do cacho da palmeira”. As imagens abaixo mostram o formato de uma capemba:

Imagem 3: Capemba



Fonte: Google (2021)



Tendo um formato que se assemelha com uma canoa, a capemba envolve o cacho, também chamado de “mangará” de palmeiras. Por se tratar de algo que é facilmente encontrado na comunidade, e por entender que facilitaria a disposição da instalação, decidimos que a capemba seria a base das Instalações a serem produzidas por cada participante da pesquisa. Como encaminhamento para o próximo encontro, solicitamos que pensassem objetos para simbolizar os elementos apresentados por eles.

### **3.5. Ação pedagógica V. Pensando elementos para representar a memória do lugar onde mora**

No quinto encontro retomamos o que tínhamos vivenciado anteriormente e em seguida iniciamos o momento de definir os “signos” e “símbolos” para a montagem da instalação, no entanto não trabalhamos esses conceitos com as crianças. Porém, podemos dizer que signos representam elementos do universo, já os símbolos carregam em si um significado cultural. Segundo Alencar (2020, p. 46), “Entende-se assim, signos e símbolos como marcas externas que auxiliam os sujeitos a internalizar conhecimentos por meio de associações e representações da realidade”.

O objetivo desse quinto encontro foi favorecer a compreensão das crianças sobre a proposta das instalações geográficas. Nessa perspectiva, o encontro foi guiado pelo que Ribeiro (2014), denomina “teia de ideias”. Na ocasião, os alunos trouxeram, as propostas de símbolos para a instalação. Assim, junto com as crianças, discutimos sobre os objetos pensados por elas, os quais, denominados de “signos e símbolos”, seriam usados para representar as pesquisas realizadas por elas.

Assim, cada criança expôs as ideias sobre os objetos pensados e percebemos a assiduidade destas em relação à proposta. Então, como encaminhamento, sugerimos que cada uma delas montasse a sua obra, fotografasse e enviasse para a professora, e então socializaria no próximo

encontro.

### 3.6. Ação Pedagógica VI. Socialização das pesquisas com Instalações Geográficas

O sexto e último encontro teve como objetivo socializar as instalações feitas pelas crianças. Para tanto, fizemos a apresentação e cada participante teve a oportunidade de apreciar, de modo virtual, as obras através de slides e ao passo que apresentávamos, cada um(a) explicava a sua criação.

Destacamos que, embora as crianças tenham realizado os trabalhos utilizando a metodologia da Instalação Geográfica, não nos detemos em trabalhar o conceito de instalação com as mesmas, já que isso não causaria impacto negativo à realização. No entanto, após a apresentação, pedimos que falassem o que entendiam por instalação. Eis algumas respostas: “*Tem a instalação de energia*”, “*tem instalação de esgoto*”, “*tem também instalação de jogo no celular*”. Salientamos que as respostas trazidas por ele(a)s, estão relacionadas com o universo cotidiano dele(a)s.

Contudo, ao final das apresentações, falamos que o que tínhamos vivenciado, era uma experiência metodológica com Instalações Geográficas. Após esses encaminhamentos tivemos a oportunidade de apreciarmos, de modo virtual, as obras apresentadas pelas crianças, que serão apresentadas e descritas no tópico a seguir.

## 4. CONTEXTUALIZANDO PROCESSOS FORMATIVOS DE RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE POR MEIO DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Apresentamos agora a descrição detalhada das Instalações feitas pelas crianças na presente pesquisa.

Imagem 4: **Instalação 1** - Personagem importante no Baixio da Palmeiras “Dona Mocinha”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

### Ficha técnica

**Galho de folhas:** Representando os ramos que Dona Mocinha usava para rezar as pessoas

**Terço:** Representa a fé que dona Mocinha tinha

**Menino Jesus:** Simbolizando as vidas que Dona Mocinha trouxe ao mundo como parteira

Maria Barbosa da Silva Santos, era conhecida por “Dona Mocinha”. Foi moradora do Baixio das Palmeiras e era muito procurada para rezar principalmente em crianças.

As rezadeiras, benzedoras ou até mesmo curandeiras, são mulheres que realizam as benzeduras em busca de curar o indivíduo doente de alguma enfermidade e para executar esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, utilizando “súplicas” e “rezas”, que tem o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. (DINIZ e DINIZ, 2018, p. 1)

Conforme a informação trazida na ficha que acompanha a Instalação Geográfica, dona Mocinha, além de rezadeira, foi parteira e “ajudou muitas crianças virem ao mundo”. Para Nobre (2015, p. 60) “Dona Mocinha representa uma forte resistência da rica cultura popular caririense”. Importante lembrar que, mesmo diante dos avanços tecnológicos e científicos, as benzedoras ainda continuam a exercer um importante papel, principalmente nas comunidades rurais.

Essas práticas, mesmo inseridas na lógica capitalista, possuem características próprias que subvertem o mercado do lucro. Revelam laços de solidariedade, de um conhecimento que visa se difundir. Não tem interesse em se concentrar nas mãos de poucos; pelo contrário, compreende-se como patrimônio público ao qual todos podem e devem ter acesso. (ARAUJO, 2016, p. 41)

Sabe-se que a prática das benzedoras geralmente é uma ação voluntária, pois, geralmente, essas pessoas não cobram pelo feito. Com relação a benzedora e parteira apresentada na instalação, a aluna diz o seguinte: *“Minha mãe falou que muita gente ia para dona Mocinha rezar, e aí ela rezava e o povo ficava bom. Ela rezou muito na minha mãe, também, ela ajudava as mulheres ter menino.” (A.1).*

Considerando a fala da A1, Dona Mocinha tem representação significativa na comunidade, seus ensinamentos ficaram na memória do povo. Para Barros (2009, p. 37), devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão

fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos. Nesse sentido, podemos apontar importância da pertinência da memória como objeto de estudo para a historiografia.

Para Arroyo (2014, p. 113), “Uma das formas de reação à história de dominação cultural tem sido mostrar a história de resistências. Afirmar suas culturas vivas. Que as outras culturas não foram totalmente aniquiladas”. Portanto, reafirmar a cultura e o modo de vida presente na história do povo originário do campo é uma tarefa que exige ir além de reconhecimentos que apenas toleram tais experiências.

Nesse sentido, a diversidade cultural, mais que tolerada, como nos lembra o referido autor, deve ocupar o devido espaço na agenda pedagógica, pois elas trazem questionamentos que não podem continuar sendo silenciados. É preciso romper a dicotomia entre o saber tido como culto e “saberes populares”.

Vejam agora a próxima Instalação, que também nos revela um marco representativo da comunidade.

Imagem 5: **Instalação 2** - Casa de Farinha Mestre Zé Gomes



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)



### Ficha técnica

**Pedaço de madeira:** Retrata os trabalhadores da farinhada

**Círculo de barro:** Indica a Casa de Farinha, os quadrados são as etapas da farinhada

**Areia:** Representando a farinha

A casa de Farinha Mestre José Gomes, situada no Sítio Baixio do Mu quem, é considerada um patrimônio histórico da comunidade. Com várias décadas de existência, tem contribuído para a subsistência de moradores da localidade. Mesmo com o avanço das tecnologias e com mudanças no modo de vida na comunidade, a casa de farinha continua funcionando, sendo, portanto, uma atividade de subsistência que resistiu ao longo do tempo. Quanto à forma organizativa de trabalho, foi originada da seguinte maneira:

O verdadeiro processo de produção era denominado farinhada e envolvia parentes e amigos e quase sempre era na forma de cooperação que o camponês chamava de “ajuntório”. Mais de 20 pessoas trabalhavam numa farinhada; eram arrancadores de raiz os despincadores, os carregadores, as raspadeiras, os cevadores, os puxadores da roda, as lavadeiras, os preneiros, os torradores (forneiros) e os carregadores de água. (NOBRE, 2015, p. 52)

Esse processo de farinhada, em que se produz a farinha e a goma, acontece uma vez ao ano, já que a mandioca, que é a matéria prima, demora em torno de um ano e três meses para “ficar no ponto” de colheita. Por sua vez, a técnica agrícola utilizada desde o plantio até o processo de produção é uma técnica rudimentar, porém podemos afirmar que mantém uma harmonia com a natureza.

Nessa direção, não podemos deixar de considerar aspectos positivos no processo de modernização, porém o modo de vida tradicional não pode ser ignorado em prol das novas tecnologias. É certo que existem confortos proporcionados pelo uso da tecnologia, mas também há uma forma muito agressiva ao ambiente, como, por exemplo, com o uso desordenado de agrotóxicos, pois esse processo contribuiu para a extinção de espécies

animais e vegetais e, sobretudo, vem comprometendo a qualidade de vida humana que cada vez mais está adoecida.

No entanto, apesar da brutal violência contra os povos do campo, podemos perceber que esses povos produzem cotidianamente as diversas formas de resistência. A casa de Farinha “Mestre Zé Gomes”, apresentada por um dos participantes da pesquisa, é um dos exemplos dessas estratégias. Ou seja, os camponeses se reproduzem e desenvolvem formas de permanência no campo. Dentre elas, ressalta-se a organização comunitária através do trabalho. Podemos perceber isso na seguinte fala:

*Eu coloquei o pedaço de pau para ser os trabalhadores porque a madeira, quando é assim mais grossa, é difícil de quebrar, porque ela fica forte e meu avô disse que para trabalhar fazendo a farinhada tem que ser forte, trabalhador. Também, na farinhada tem muitas pessoas fazendo as coisas, raspando a mandioca, torrando a farinha e outras coisas. Era muita gente da mesma família que trabalhava junto na casade farinha. Meu pai aprendeu vendo os outros fazendo e também trabalhou lá. (A.2)*

O trecho da fala da criança relata um exemplo de trabalho coletivo e no quanto representa a força desse trabalho. Esse modo de vida reflete também nas formas de luta em prol do bem comum e da sociabilidade, que vai na contramão do individualismo e da competitividade. O trabalho comunitário sugere as formas de organização do povo.

Vê-se assim uma forma de organização do trabalho que se contrapõe a perspectiva hegemônica do mercado. Nesse movimento, os valores camponeses se impõem contra o fundamento capitalista que tem como essência a exploração da força de trabalho.

Por sua vez, podemos perceber uma íntima relação entre a prática do trabalho manual com a prática educativa que surge a partir da relação de convivência. Nesse movimento, os saberes que foram adquiridos no cotidiano são alicerces para a construção de projetos de vida e também de resistência. Os alunos e alunas ao chegarem as escolas trazem também suas experiências e vivências, e estas precisam ser consideradas e certamente podem contribuir para o enriquecimento da educação escolar. Observemos

a próxima instalação:

Imagem 6: **Instalação 3** – Chiquinho do Baixio



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

#### Ficha técnica

**Folhas:** simbolizam um pé de cajarana

**Galho com frutos:** Representa seu Chiquinho

Francisco Bezerra Teles (Chiquinho do Baixio) foi um representante político da comunidade do Baixio das Palmeiras. Eleito vereador por seis mandatos consecutivos (1977 a 2004), foi considerado por muitos, principalmente pelos familiares, como um grande líder da comunidade. Vejamos o texto da criança que traz, a instalação sobre “seu Chiquinho”, e o que escreve sobre ele <sup>2</sup>

<sup>2</sup> O texto mantém a forma digitada pela criança. Com isso, buscamos manter sua originalidade.

FRANCISCO BEZERRA TELES

FRANCISCO BEZERRA TELES , FILHO DE JOSÉ BEZERRA NOBRE E MARIA LEOLPODINA BEZERRA TELES . NATURAL DO SÍTIO BAIXIO DAS PALMEIRAS , MUNICÍPIO DE CRATO. CASADO COM ROSILDA TELES DA COSTA , COM QUEM CONSTITUIU UMA FAMÍLIA DE 9 FILHOS . DURANTE SUA JUVENTUDE E MESMO CASADO , TRABALHAVA NAS TERRAS DE SEU PAI COMO AGRICULTOR, PARA MANTER A SUA FAMÍLIA .

NO ANO DE 1976 , INGRESSOU PARA A PÚBLICA , SE CANDIDATANDO E ELEITO PARA VEREADOR. ESSE PRIMEIRO MANDATO NÃO RECEBIA REMUNERAÇÃO . RECEBIA ORDENS EM TALÕES , PARA FOTOS , DOCUMENTOS ; CASAMENTOS ... ENTÃO SUA REMUNERAÇÃO ERA REVERTIDA NESSES SERVIÇOS.

O SEGUNDO MANDATO , JÁ ERA REMUNERADO , E SEUS TRABALHOS SOCIAIS CONTINUAVAM COMO : TRANSPORTES PARA OS ALUNOS SE DESLOCAR PARA A SEDE DO MUNICÍPIO , PESSOAS PARA HOSPITAIS , AJUDA FINANCEIRA , ... DE FORMA QUE ATENDIA TODAS AS NECESSIDADES DA COMUNIDADE .

FORAM 28 ANOS DE MANDATO , QUE ALÉM DE SEUS SERVIÇOS SOCIAIS , VÁRIAS REIVINDICAÇÕES , PROJETOS ERAM CONSOLIDADOS , POR EXEMPLOS : CALÇAMENTOS , MELHORIAS NAS ESTRADAS , PASSAGENS MOLHADAS , ALGUNS POÇOS PROFUNDOS PARA O BAIXIO E OUTRAS COMUNIDADES A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA ROSA FERREIRA DE MACEDO. ENCERROU SUAS ATIVIDADES EM 2004.

Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

Ao observarmos o período em que “Chiquinho do Baixio” foi eleito, podemos perceber que ele iniciou a vida política ainda no tempo da ditadura militar. Por sua vez, o ano de 1977, conforme nos mostra a história, foi o ano em que o presidente em exercício, General Ernesto Geisel instituiu o “Pacote de Abril”, o qual tinha como principal objetivo que o partido do governo, a Arena, obtivesse o controle do legislativo. O referido pacote incluía o aumento da bancada do governo no Nordeste. Sabendo-se que as bancadas são organizações que representam interesses específicos da sociedade:

Na atuação da Bancada Ruralista ocorre a prevalência de um projeto que beneficia os setores mais capitalizados da sociedade, os quais se utilizam do Estado como meio de cooptação de lideranças políticas para fortalecer o poder das classes dominantes, consolidando, mediante a prática do transformismo, a “hegemonia da pequena política” e a neutralização das classes subalternas. (SIMIONATTO e COSTA, 2012, p. 215).

Foi pela Aliança Renovadora Nacional - ARENA que “Chiquinho do Baixio” foi eleito, sendo que posteriormente fez parte do Partido da Frente Liberal (PFL), tendo encerrado a carreira política pelo PMDB. Ao falar da

atuação política de “seu Chiquinho” a criança destaca o seu legado dizendo:

*Ele foi muito importante não só para o povo do Baixio das Palmeiras mas dos outros sítios aqui por perto, porque ele ajudava todo mundo que vinha procurar ele, para levar o povo pro hospital, também levava as mulheres para a maternidade para ganhar menino, ajudava também com remédio e também ajudou para calçar estrada, e também, a Escola Rosa Ferreira ele ajudou para ela vir pro Baixio. (A3)*

A fala acima nos remete a gratidão de muitas pessoas menos favorecidas que, ao serem “beneficiadas” com alguns dos serviços acima mencionados, geralmente sentem-se no compromisso de retribuir de alguma forma. Os capitalistas, por sua vez, sabem bem disso. Não vamos nos deter nessa discussão, pois trata-se de um debate amplo e não daríamos conta nesse momento, no entanto podemos apontar para um processo de atendimento as necessidades individuais. Nesse sentido, é em meio a esse processo contraditório que a escola está inserida. Contudo, vejamos o que nos mostra a próxima Instalação:

#### Imagem 7: **Instalação 4 - Casa de Quitéria**



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

### Ficha técnica

**Areia:** Simboliza a casa de taipa que Quitéria morava

**Garrafa com líquido:** Retrata os alimentos que eram armazenados em casa

**Vassoura de palmeira:** Representa a limpeza e o cuidado com a natureza

**Coco babaçu:** Semente que representa Quitéria.

Segundo relatos do pessoal da comunidade, Quitéria foi uma mulher de grande visibilidade na comunidade por sua garra e determinação. Casou-se muito cedo, aos 15 anos de idade, ficou viúva aos 37 anos, com 9 filhos que criou sozinha. Sua casa era um local que acolhia bem as pessoas que a procuravam. De acordo com Nobre (2015, p. 87) “Na casa de Quitéria Ferreira Nobre, nas noites de lua cheia as pessoas se aproximavam para ouvir versos entoados pela poesia de Mirian Teles. Vejamos um trecho da fala da criança que falou sobre Quitéria: *“Hoje, na casa onde Quitéria morava, é um espaço que a gente guarda as coisas antigas, a gente também brinca muito lá. Tem também a feira agroecológica. Tem um monte de coisa”*. (A.3)

A fala da criança revela que o papel de D. Quitéria na comunidade foi de fundamental importância. Seu modo de vida serve de inspiração e indica uma forma de organização que desenvolve capacidade de resistir a uma realidade opressora e excludente. Também podemos perceber a criatividade em desenvolver formas de conviver em sociedade numa perspectiva de comunidade e de coletividade.

Isso também nos indica outras possibilidades pedagógicas, tanto de ensinar, como também de aprender. Atualmente, a “Casa de Quitéria” é o “Espaço Cultural casa de Quitéria”, uma organização comunitária que preserva o patrimônio local através de atividades culturais, bem como de feiras agroecológicas, visando possibilitar melhor qualidade de vida aos camponeses da localidade.

Assim, para além de uma educação “capitalizada”, vislumbramos

caminhos que podem ser seguidos, levando em consideração a existência e os saberes tradicionais que constituem a história da comunidade. Sobre essa importância, Arroyo (2014, p. 74) diz que são pedagogias que foram ocultadas ao longo da história e que “Os coletivos em movimento desocultam”. Nessa direção, através dos conhecimentos trazidos pelos os atores e atrizes da pesquisa, podemos perceber que, apesar de um modelo de educação verticalizado pautado na hegemonia, existem outras pedagogias que se fazem presentes no cotidiano escolar e que precisam ser desocultadas.

Buscar um caminho numa perspectiva de transformação é desenvolver um trabalho pedagógico que coloque em pauta a o modo de vida em comunidade. É buscar superar a lógica da competitividade que incentiva o individualismo. É não perder de vista os diferentes interesses de classes. Sendo assim, precisamos superar o modelo de educação numa perspectiva mercadológica e hegemônica.

Então, dando continuidade aos conhecimentos partilhados pelos atores da referida pesquisa, trazemos a seguir a próxima instalação:

Imagem 8: **Instalação 5** – O Baixio do Muquém



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

### Ficha técnica

**Lata:** Simboliza a cacimba que deu origem ao nome da comunidade do Baixio do Muquem

**Arco e flecha e penas:** Significa os índios que habitaram a localidade

**Britas e trator:** Representa a obra do Cinturão das águas no Baixio

De acordo com a história oral, o Baixio do Muquem surgiu a partir de um “olho d’água” e os primeiros habitantes da localidade foram índios. Atualmente a comunidade vem lutando contra um processo de desterritorialização, provocada pelo ímpeto do Estado capitalista e pela lógica do agronegócio.

Parafraseando Saccomani (2013, p. 36) “a ação mais eficiente que de vemos assumir diante da história, não é acusar a modernidade pelo que ela fez ou desfez da vida natural, mas tentar desenvolver processos sociais que sejam capazes de recompor a natureza perdida”. Nesse sentido, os saberes elaborados ao longo do tempo precisam ser considerados, sobretudo no campo educacional, por meio de pesquisas.

Outrossim, é a partir do contexto orientado pelo capitalismo, fundado no agronegócio, que o distrito Baixio das Palmeiras tem sido impactado pelo CAC (Cinturão das Águas do Ceará). Para melhor compreensão, discorreremos sobre o processo onde se configura o cenário. O modelo agrícola pautado numa agricultura globalizada conquistou todo o país. No Ceará, cria-se projetos que requerem uma demanda significativa de água.

Com o estágio atual do sistema capitalista marcado pela globalização neoliberal o mercado produtivo transformou a água através do controle dos rios, aquíferos, lagoas e manguezais em um recurso de grande valor econômico. As políticas públicas contemporâneas consolidam um modelo onde os interesses privados se sobrepõem aos bens coletivos (NOBRE, 2015, p. 122).



Nesse sentido, para a manutenção dessa estrutura, em favor dos grandes investidores, faz-se necessário a arquitetura de toda uma logística favorável para tais interesses. Dentre elas, destacamos a Transposição do Rio São Francisco e o Cinturão das Águas do Ceará. Nessa lógica, a população menos favorecida é exatamente a mais prejudicada.

Portanto, a comunidade do Baixio das Palmeiras na primeira década do Séc. XXI é impactada por esse modelo agrícola, pois tomaram conhecimento de que um canal que cruzaria o sul do estado do Ceará passaria naquela localidade. De acordo com Nobre (2015), o estudo do canal teve início em 2009, pela Secretaria de Recursos Hídricos, que busca as melhores vantagens possíveis, tanto no aproveitamento para as bacias hidrográficas como em redução de custos para a realização da obra. Ainda de acordo com alguns moradores, os trabalhadores da construtora responsável pela realização de estudos prévios na localidade chegaram na comunidade, adentraram as terras e até alguns quintais sem permissão e já foram destruindo a vegetação.

Sobre a origem do Baixio do Muquém, a criança diz o seguinte: “*Minha vó disse que foi por causa da cacimbinha que os índios ficaram por aqui e aí foi crescendo.*” (A.5). Para Toso (2018, p. 49) “Conhecer como o espaço local foi produzido historicamente contribui para o processo de reflexão e mesmo de compreensão sobre as influências das questões globais nos locais e vice-versa”. Assim podemos perceber que a água, substância indispensável para a manutenção da vida, que, por sua vez, deu origem a comunidade, atualmente vem sendo motivo de retirada de moradores daquelas terras.

Quanto ao conteúdo das instalações apresentadas pelos atores e atriz da pesquisa, dentre os vários aspectos formadores de resistência, identificamos na casa de farinha “Mestre Zé Gomes” e no Espaço cultural “Casa de Quitéria”, exemplos de espaços culturais onde os camponeses do Baixio das Palmeiras recriam suas territorialidades, preservando o modo de vida camponês. Assim, no momento em que tal debate se faz presente na escola, podemos perceber a revelação de um território de resistência, que até

então não tem sido visibilizado como tal.

A negação da realidade no contexto escolar faz com que os sujeitos se distanciem de suas histórias, de suas memórias, não vendo nelas nenhuma relação com a sua vida objetiva. Sendo assim, se torna mais difícil enfrentar uma luta em um possível processo de fechamento dessas instituições. Dito isto, afirmamos que a escola exerce papel fundamental no sentido de acabar com a dicotomia de homens, mulheres e mundo. A escola deve trazer para seu cotidiano os processos formativos da história de seu povo, que serão contextualizadas com os conteúdos propostos, conteúdos esses recheados de sentidos e significados porque dialogados com os saberes e vivências da comunidade.

Ao analisar as produções das crianças, percebemos a presença viva da cultura de um povo que atravessa gerações e se materializam nas instalações e nas falas das crianças. A história de Dona Mocinha, a casa de Quintéria, a casa de Farinha e as outras questões apontadas pelas crianças são fatos vivos e presentes na comunidade. Quanta riqueza poderia existir se o currículo escolar dialogasse com a realidade cultural, social e política da comunidade?

A partir dessas análises percebemos que é possível pensar estratégias que possibilitem pensar a educação do/no campo vinculada com a história de seu povo. Freire (2011, p. 51) revela que “A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto das ação dos homens, também não se transforma por acaso [...]”. Portanto, pensar ações que transforme a educação verticalizada é tarefa urgente. Um currículo em que os alunos e alunas do campo se vejam representados/as.

Contudo, considerando a afirmação de Souza (2013, p. 88), “o que define o território é em primeiríssimo lugar, o poder”. Devemos pensar esse poder na produção do conhecimento a partir do lugar que vivemos, desta forma, construímos nossas identidades, fortalecemos e formamos nossa cultura. Acreditamos que, assim, estaremos contribuindo para o fortalecimento dos processos de resistência bem como para a territorialização

da Educação do e no Campo.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática que apresentamos, é uma sugestão de um trabalho que instiga a criatividade dos aluno(a)s, e tem como objetivo “Incentivar experiências que permitam a construção de práticas pedagógicas inovadoras”. Trata-se de uma proposta para o ensino fundamental I, visando uma aprendizagem mais efetiva.

A elaboração e aplicação da sequência didática proposta neste produto ocorreram conforme as etapas apresentadas. A experiência nos permitiu uma possibilidade de trabalho pedagógico criativa e que possibilita a aprendizagem por meio da arte. Logo, consideramos que os resultados foram significativos.

Entendemos que a sequência didática com Instalações Geográficas, envolvendo campos da geografia com demais áreas do conhecimento, é um caminho possível que integra arte, criatividade, ao passo que favorece o desenvolvimento da aprendizagem de forma lúdica.

Contudo, conforme podemos observar, as Instalações apresentadas pelas crianças representam uma grande riqueza de conteúdo. Consideramos que o resultado foi além de nossas expectativas, tendo em vista as limitações que o momento nos impunha, bem como a faixa etária das crianças, por entender que elas não tinham maturidade suficiente para compreender a proposta. Desse modo, corroboramos com Saccomani (2016, p. 80) quando afirma: “Podemos dizer que o papel da educação é extremamente criativo, pois, quando o ensino é bem-sucedido, cria-se no aluno algo novo, algo que até então era desconhecido”. Diante disso, defendemos que a sequência didática com Instalações Geográficas pode contribuir para a promoção de um ensino mais efetivo para os alunos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bruna Dayane Xavier de. **Raízes da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas Meizinheiras do Cariri cearense.** 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, 2016.

ARROYO, Miguel Gonzalez, CALDART, Roseli Salete, MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). **Por uma educação do campo.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. *In:* CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Teses sobre a pedagogia do Movimento.** Educação Básica de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária: Textos de estudo. Boletim da Educação (MST), São Paulo, n.11, set. 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educ. Pesqui.** [online], v. 39, n. 3, p. 609-626, 9 ago. 2013.

DINIZ, Ericka Ellen Cardoso da Silva; DINIZ, Emerson Cardoso da Silva. A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e bezendeiras no cuidar da saúde. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2018, Olinda. **Anais [...].** Olinda: Realize, 2018.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação. **ETD - Educação Temática Digital,** Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511–530, 2016.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Região Metropolitana do Cariri. **Secretaria das Cidades.** Disponível em: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

NOBRE, Francisco Wlirian. **Os efeitos do Cinturão das Águas do Ceará - CAC no distrito de baixo das palmeiras, Crato - CE**. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) – Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2017.

OLIVEIRA, Anderson Felipe S. **Localização do Município do Crato**. Crato: 2020. 1 mapa, color., 4960 × 3507 pixels, png.

OLIVEIRA, Maria Marli de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PRADO, Adonia Antunes. Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 3, n. 1, 1995.

QUEIROZ, Ivan Silva; CUNHA, Maria Soares. Condicionantes sócioambientais e culturais da formação do Crajubar, aglomerado urbano-regional do Cariri Cearense. **Revista de Geografia (UFPE)**, Recife, v. 31, n. 3, p. 149-169, 2014.

RIBEIRO, Emerson. **Arte e criatividade em geografia: práticas pedagógicas em instalações geográficas**. Fortaleza: URCA, 2016.

RIBEIRO, Emerson. Itinerário epistemológico: os signos e símbolos por associação para o processo de conhecimento em instalações geográficas/pedagógicas. In: TELES, Glauciana; CLAUDINO, Alves Sergio; SOBRINHO, José Falcão. (Orgs.). **Ensino e formação de professores de Geografia: experiências no semiárido brasileiro e em Portugal**. Sobral, CE: Sertão Cult, 2020.

RIBEIRO, Emerson. **Processos Criativos em Geografia: Metodologia e Avaliação para sala de aula em Instalações Geográficas**. 2014. 112 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.